

A PEDAGOGIA E AS FADAS

Glória RADINO¹

RESUMO

Os contos de fadas sempre tiveram uma importante função pedagógica e terapêutica. Com a finalidade de instruir e distrair, suas narrativas continuam vivas, transmitindo fenômenos psíquicos universais.

Este artigo discute a forma como os contos de fadas são utilizados numa instituição escolar. Preocupadas em moldar a infância cientificamente, a escola acaba desconsiderando a fantasia da criança, reduzindo os contos de fadas a subsídios pedagógicos, nivelando o universo infantil.

PALAVRAS-CHAVES: Contos de fadas, atividade pedagógica, fantasia.

[...] – mas que significa isso?

– perguntou o moço insatisfeito –
não entendi nada.

nem eu – respondeu a moça –

mas os contos devem ser contados, e não entendidos;
exatamente como a vida (ANDRADE, 1998, p.111).

As reflexões presentes neste artigo nasceram de inquietações decorrentes de um trabalho desenvolvido em duas escolas municí-

¹ Psicóloga; Mestre em Psicologia pela UNESP de Assis e professora assistente do PEC-Assis. Assis-SP, CP. 805, CEP. 19814-970, e-mail: gradino@uol.com.br

país de uma cidade do interior paulista. Com a finalidade de estudar a utilização dos contos de fadas no cotidiano da pré-escola, propus um trabalho voluntário em uma escola localizada na periferia e outra, em uma região central da cidade de Assis-SP. Durante dois anos coordenei, semanalmente, atividades com contos de fadas em turmas do jardim I à 2ª série. Esse trabalho possuía, inicialmente, como objetivo, a coleta de dados e um maior envolvimento com as pessoas envolvidas em minha pesquisa de mestrado (RADINO, 2001).

A proposta inicial desse trabalho acabou extrapolando seus objetivos. Fui percebendo que o fato de eu freqüentar aquelas escolas semanalmente, contar histórias para as crianças e realizar algumas atividades em que elas pudessem expressar seus sentimentos, tinha um significado importante e, de alguma forma, contribuía para o seu desenvolvimento. Angústias e inquietações brotaram desse trabalho e fizeram com que eu refletisse sobre a forma como a infância e suas necessidades fundamentais de fantasiar são acolhidas em uma instituição escolar.

Durante o período relatado, chamou muita atenção a escola da periferia que freqüentei, que atendia à população mais carente da cidade. As dificuldades enfrentadas por seus professores eram intensas e seus alunos eram estigmatizados como agressivos e indisciplinados. Havia uma classe de Jardim II, que era considerada a *pior* da escola porque nenhum professor conseguia permanecer muito tempo com as crianças e, por isso, sua troca era constante.

O que sempre me chamava a atenção é que, quando eu sentava-me para contar uma história, essas crianças pareciam apenas crianças, iguais a todas as que eu já havia conhecido. Alegravam-se com a minha chegada, ouviam atentas e gostavam de desenhar ou dramatizar as histórias ouvidas. Tanto que, após uma primeira dramatização que realizamos nessa turma, a professora disse que gostava muito desse tipo de atividade, mas achava que nunca conseguiria realizá-la com *essas crianças*. Ela nunca havia tentado e já as concebia como incapazes nesse sentido, não valendo à pena investir em algo diferente.

A pedagogia e as fadas

Essa professora freqüentemente queixava-se da frustração que essa classe de alunos provocava-lhe. Por mais que se esforçasse, seus alunos não aprendiam e, por vezes, sua agressividade chocava seus princípios morais. Aos poucos fui percebendo que havia uma dificuldade nesse relacionamento e que, o que professora procurava ensinar, não correspondia às reais necessidades dos alunos.

Gostaria de descrever uma situação que eu vivi nessa classe e que, apesar de parecer banal, fez com que eu compreendesse meu trabalho sob um outro ponto de vista. Acho que eu começava a perceber como os contos de fadas poderiam ser úteis para o desenvolvimento infantil e que sua utilização seria totalmente compatível com a escola. No entanto, para isso, precisaria ocorrer algumas mudanças também nessas escolas e no que elas concebiam como educação e infância.

Em uma segunda-feira qualquer, quando entrei na classe, encontrei uma situação habitual. O barulho era intenso e a professora tentava arrumar os alunos em suas mesinhas, porém, assim que eram colocados em ordem, abandonavam seus lugares e começavam a correr. Uma criança tentava pegar o objeto da outra. Uma caía, a outra chorava. De uma briga saía um soco. A professora tentava conter uma criança ou outra, dentro de seu limite físico. Afinal, eram trinta crianças. Em meio à algazarra, a professora tentou realizar uma atividade com números, a partir do calendário, que fora colocado na lousa. Pelo que pude perceber, as crianças não demonstraram muito interesse pela atividade.

Chamou atenção especial um menino que sempre fora muito ativo e agressivo e que se encontrava chorando muito. A professora tentou de tudo para acalmá-lo: conversou, ofereceu atividades mas ele continuou chorando e pedindo sua mãe. Até que a professora chamou a diretora que o levou para sua sala mas ele retornou depois de algum tempo e continuou chorando. Finalmente, sentou-se ao lado da professora, abaixou a cabeça e permaneceu chorando baixinho.

Comecei a contar uma história. Tratava-se de *A Bela Adormecida*. As crianças rapidamente formaram uma roda ao meu redor, exceto o menino que chorava que continuou ao lado da professora. Durante toda a história, enquanto as crianças estavam muito atentas, esse menino pareceu-me alheio ao ambiente.

Instalou-se um profundo silêncio na sala, só sendo quebrado com a minha voz. Incrivelmente, não se pareciam às crianças que tinha encontrado no início. Quando um falava, o outro pedia silêncio. Quando terminei a história, propus que as crianças fizessem um desenho livre. Imediatamente elas pegaram suas cadeiras e sentaram-se diante de suas mesinhas, iniciando a atividade. Dirigi-me para o menino que chorava e que continuava com a cabeça abaixada, ao lado da professora e perguntei se ele não queria desenhar. Para espanto de todos, inclusive o meu, ele se levantou, pegou papel e lápis e desenhou um castelo, que se transformou em um prédio, que se transformou em sua casa. Surpreendi-me, achando que ele estava alheio à história mas o castelo desenhado, era justamente o da *A Bela Adormecida*. Todos os desenhos anteriores dessa criança não tinham formas e dificilmente eram nomeados. Tratavam-se de garatujas e seus temas sempre se referiam à morte, a explosões e ao fogo. Seu mundo interno representava um verdadeiro caos.

Finalmente, essa criança conseguiu desenhar uma forma, embora rudimentar, de um castelo. Além disso, pôde projetar no desenho e verbalizar um pouco sua angústia, relacionada ao abandono de sua mãe. Posteriormente, conversando com a professora, soube que o menino havia sido abandonado por sua mãe, que saiu de casa para viver com um outro homem em outra cidade. Naquele dia, ela havia ido visitá-lo em sua casa antes que ele fosse para a escola.

Ouvir aquele conto, *A Bela Adormecida* não provocou milagres nessa criança mas, antes de ouvi-la, ela só conseguia chorar. Finalmente, utilizou-se do simbolismo do conto e, através do desenho, expressou sua angústia. Quando finalizou o desenho, essa criança integrou-se ao grupo e realizou suas atividades com maior tranquilidade.

A pedagogia e as fadas

E foi através dessa e de outras situações que vivenciei, que eu comecei a compreender que os contos de fadas atingem o inconsciente da criança, podendo constituir-se num importante instrumento para auxiliá-la a elaborar e projetar conflitos. Comecei a questionar, então, de que forma os contos de fadas poderiam auxiliar não só as crianças, mas o professor em sua tarefa diária de ensinar seus alunos. A partir desse pequeno exemplo, gostaria de levantar algumas questões sobre a possibilidade de utilizar os contos de fadas na educação. Procurei mostrar que eles podem ter uma importante função tanto terapêutica como pedagógica.

A FANTASIA QUE ALIMENTA A ALMA

Em uma província africana chamada Sulawesi-Selatan ou Sélèbes-Sul, vive um grupo étnico com mais de quinhentos mil habitantes. São os Toradjas, cuja cultura caracteriza-se pela celebração de rituais e pela intensa transmissão através da literatura oral.² Cercados de rituais que perpetuam uma tradição oral, as histórias são transmitidas a pequenos grupos através de contadores profissionais escolhidos entre os membros da comunidade. Realizam, dessa forma, a aprendizagem, “[...] transformando os seres humanos, instruindo-os, guiando-os e distraíndo-os [...]” (TRAÇA, 1998, p.41).

Os contos são transmitidos durante a *estação da fome* em que a comida torna-se escassa e o povo vigia o crescimento do arroz. Na falta do alimento, os contos servem de alimento à alma. As histórias fazem com que esqueçam da escassez e da fome, sendo alimentados pelos conhecimentos e fantasias que advêm das narrativas. Os contos têm por objetivo instruir e distrair. Da mesma maneira, em um ritual sagrado, exercem sua ação sobre a fertilidade do solo e do crescimento da vida. Se ditos no momento certo, o arroz cresce; caso contrário, crescem as ervas.

Entre os Toradjas as crianças não adormecem sem o embalo das histórias e recusam-se a dormir enquanto houver um narrador acordado. Os grupos escutam atentamente as histórias contadas e, se

² A história dos Toradjas foi extraída de Traça (KOUBI, 1982 apud TRAÇA, 1998).

alguns ouvintes forem vencidos pelo sono, o narrador pode abreviar sua narrativa, mas nunca interromper. Existe a crença de que a interrupção de uma história pelo narrador pode trazer-lhe má sorte e até conseqüências desastrosas, até mesmo a própria morte (TRAÇA, 1998).

Como afirma Traça (1998, p.29), o que a Psicanálise descobriu sobre a função terapêutica e educativa dos contos de fadas, as sociedades tradicionais já o sabiam há séculos. Em sociedades como essas, os contos sempre ocuparam um lugar fundamental na vida da comunidade.

Procurando responder aos mistérios que cercam nossa existência, movidos por buscas interiores, criamos coletivamente mitos, fábulas e contos de fadas. A necessidade de contar e ouvir histórias é tão antiga, que deve ter nascido com o próprio homem. Diante da impossibilidade de compreendermos nossa existência e nossa morte, rodeamo-nos de mistérios e procuramos respostas, mesmo que por metáforas para essa nossa incompreensão. Muitos mistérios que cercaram o conhecimento humano, puderam ser explicados pela ciência. Mas os grandes enigmas que cercam nossa existência, como a vida e a morte, nunca puderam ser concebidos cientificamente. Essas respostas era procuradas através dos mitos e dos contos (PUÉRTOLAS, 1999).

O que se revela nos mitos é o que existe de comum a todos os homens de uma dada sociedade. Os componentes universais presentes nos mitos, guiou Freud em muitas de suas descobertas sobre a dinâmica do ser humano. Em “La interpretación de los sueños”, Freud (1981, v.1) descobriu componentes universais no mecanismo psíquico. Dessa forma foi construindo a Psicanálise. Vários mitos serviram de base para a compreensão de fenômenos psíquicos universais, como Narciso, Édipo e outros. Ao falar de sonhos típicos, Freud (1981, v.1) faz referência ao mito de Édipo. Acredita que se o destino de Édipo nos comove é porque poderia ser o nosso e que seu fim trágico refere-se à nossa realização de desejos infantis. Nossos desejos, mesmo que assustadores, ao serem projetados em uma história, tornam-se mais tranquilizadores, ou menos preocupantes.

A pedagogia e as fadas

Fadas, bruxas, ogros, anões, duendes ou gigantes são seres que podem assumir as mais diversas formas e diferentes qualidades fazendo parte de um mundo fantástico, criado pelo que chamamos de contos de fadas. Seres que apaixonam ou amedrontam, fazem-nos rir ou chorar, divertem-nos ou irritam-nos. Uma coisa, porém, é certa: sempre que são nomeados ou lidos, despertam intensas emoções.

Representantes das capacidades mágicas de nossa imaginação, as princesas, as fadas ou as bruxas são capazes de satisfazer ou decepcionar nossos desejos mais intensos, concretizando, na fantasia, projetos que não pudemos e talvez nunca possamos realizar.

Apesar de as transformações ocorridas desde suas narrativas originais, os contos de fadas continuam influenciando nossas vidas e encontramos referências a seus personagens constantemente em nosso cotidiano, seja em um filme, em um livro, na dança ou na propaganda de televisão.

Metamorfoses continuam revelando-se não só nos personagens das histórias mas também naqueles que lêem ou escutam um conto, assim como naqueles que as narram. Percebe-se que essas histórias trazem respostas, mesmo que incompreensíveis racionalmente, a questões humanas inconscientes e universais.

OS CONTOS DE FADAS E SUA FUNÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Segundo Coelho (1987), contos de fadas são narrativas desenvolvidas dentro de uma magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, ogros, gigantes, metamorfoses, objetos mágicos, etc.), com ou sem a presença de fadas e que apresentam, como eixo central, uma problemática existencial. Tratam de heróis ou heroínas que devem superar obstáculos ou provas, até atingir a realização essencial, desembocando em uma união feliz homem-mulher.

Originalmente, os contos de fadas tiveram uma importante função como forma de expressão. Tratando-se de narrativas orais, relatadas pelo povo, de geração a geração, sem autoria determinada,

constituíram um importante meio de veiculação de idéias, sentimentos e opiniões. As histórias eram tradicionalmente contadas por mulheres mais velhas, como forma de transmitir suas experiências para as mais novas, durante o trabalho de costura e tear. Em uma época em que as mulheres não tinham direito à livre expressão de idéias, podiam transmitir, através dos contos de fadas, valores e funções sociais (WARNER, 1999). Propp (1984),³ um estudioso estruturalista russo, analisou cem contos e encontrou trinta e uma funções que se articulavam de forma lógica e rígida na maioria dos contos. Em narrações que aparentemente não tinham nenhuma relação entre si, Propp encontrou estruturas idênticas, opostas ou complementares. Foi então que concluiu que os contos possuem uma origem comum, relacionada a práticas comunitárias dos povos primitivos. Essas práticas referem-se aos rituais de iniciação e às representações da vida após a morte.

Ao mesmo tempo que os contos foram expandindo-se, foram sendo modificados. No final do século XVII, a tradição oral dos contos de fadas foi sendo abandonada e substituída por um novo gênero da literatura escrita. Embora muitos contos tenham sido escritos na França, no século XVII, grande parte tem origem mais antiga. Hoje os contos mais conhecidos são os escritos por Charles Perrault (1628-1703), na França e coletados pelos irmãos Grimm (Jakob, 1785-1863; Wilhelm, 1786-1859), na Alemanha.

Quando os contos de fadas começaram a ser escritos, não havia uma consolidação do conceito de infância e, portanto, ainda não se podia tampouco pensar em literatura infantil. Nas escolas era permitida apenas a entrada dos clássicos, dos livros religiosos e de ensinamentos morais e políticos. Em contrapartida, as crianças de classes populares liam ou ouviam histórias de cavalaria, aventuras e contos folclóricos. Estes últimos eram acessíveis à classe rural, durante o século XVIII, através de edições conhecidas como **Bibliothèque Bleue**, ou contos azuis (por serem impressos em papel azul) (ARIÈS, 1981).

³ Seu original russo foi publicado em 1928.

A pedagogia e as fadas

Embora os contos de fadas não tenham sido originalmente escritos para crianças, acabaram sendo por elas apropriados. A partir de Perrault, passando pelos irmãos Grimm, conforme os contos de fadas vão aproximando-se das crianças, vão sofrendo transformações. Temas mais violentos, como a sexualidade pública, o canibalismo, rituais pagãos e outras cenas condizentes com o mundo medieval, vão sendo substituídas por gestos mais refinados e valores cristãos dominantes.

Os contos de fadas tornaram-se literatura infantil justamente pelo seu relato breve, ágil e uma linguagem simples, acessível também às crianças. Além de sua estrutura corresponder às necessidades infantis. Identificando-se com o herói dos contos, a criança depara-se com situações equivalentes às da sua realidade interna.

Em seu artigo “Sueños com temas de cuentos”, Freud (1981, v.2, p.1729-1733) fala da importância dos contos populares na vida psíquica infantil. Refere que em algumas pessoas, os contos favoritos substituem as recordações da própria infância, convertendo-se em recordações encobridoras. Nos contos de fadas, a realidade é substituída por fatos fantásticos, figuras maravilhosas, em que as fronteiras do espaço e do tempo podem ser ultrapassadas. O mundo real é desestruturado para dar lugar ao mundo fantástico. Com que finalidade?

Segundo Freud (1981, v.2, p.1851-1867), toda a história da civilização encontrada nos mitos e fábulas é uma exposição dos caminhos percorridos pelo homem para dominar seus desejos insatisfeitos, perante as exigências da realidade. Através da imaginação processa-se o domínio sobre o mundo exterior.

Para alguns autores (BETTELHEIM, 1980; JEAN, 1990), através dos contos de fadas a criança encontra elementos para alimentar sua imaginação, assegurada de um final feliz. Tal como acontece com as personagens que têm de enfrentar uma série de obstáculos e de passar por situações difíceis e sentimentos intensos, a criança identifica-se com os heróis e consegue superar suas dificuldades e amadurecer. Esse é o grande desafio infantil: lidar com suas intensas

emoções relativas à morte, ao medo do abandono, a rivalidades fraternas, conflitos edípicos e com seus impulsos inconscientes. Os contos de fadas representam projeções universais de acontecimentos psíquicos, tratando de realizações de desejos e relacionando-se com angústias inerentes ao processo de desenvolvimento. Os contos de fadas colocam a criança em confronto direto com sentimentos humanos como a inveja, o ciúme, o medo, apresentando soluções e dando a segurança de que, apesar de terríveis, ela terá condições de superar e dominar seus impulsos mais assustadores. Poderá brincar e jogar com os personagens de sua história preferida a fim de conhecer melhor seus próprios sentimentos (KLEIN, 1982a, 1982b).

Os contos de fadas podem ser considerados terapêuticos na medida em que colocam a criança diretamente em contato com seus sentimentos e ajudam-na a controlá-los e a compreendê-los, facilitando o seu amadurecimento. Além disso, tratando-se de obras de arte, os contos de fadas introduzem a criança no universo cultural e estético. Assim como as canções e os poemas, os contos de fadas enriquecem o mundo simbólico infantil, afinando sua sensibilidade, que é inseparável de sua inteligência (TRAÇA, 1998).

De maneira que poderíamos nos perguntar: de que forma os contos podem ajudar na tarefa pedagógica?

O que move o aprendizado é a perda de uma ilusão e a busca de uma completude jamais alcançada; é uma morte narcísica. A partir do momento em que o bebê percebe-se incompleto, sofre pela perda de uma mãe idealizada, que possa suprir todas as suas necessidades. Percebendo-se incompleta, frustrada, a criança passa a procurar objetos substitutos e inicia seu processo de simbolização. Movida por um impulso epistemofílico ou para o conhecimento, começa a interessar-se pela realidade que a cerca. A partir de uma primeira pergunta sobre a diferença sexual anatômica, a criança irá construindo hipóteses e deduções, realizando, dessa forma, suas descobertas (KLEIN, 1991).

A pedagogia e as fadas

Percebemos que o desejo de conhecer nasce a partir de questões existenciais, tais como: *Como nasci?, Para que nasci? e Você vai me abandonar?* A partir de uma insatisfação, de uma falta, a criança dá início a uma atividade de pensar, movida pelo desejo de conhecer.

Através da brincadeira e da fantasia, a criança irá construindo uma linguagem pré-verbal e simbólica, fazendo uma ponte entre sua fantasia e realidade, entre seu mundo interno e externo (KLEIN, 1982b).

Dentro do modelo educacional que estamos acostumados, os professores, no lugar da transmissão de uma verdade, muitas vezes fornecem respostas para as crianças provenientes de seu mundo racional, fugindo completamente à compreensão infantil. Explicações científicas exigem um pensamento objetivo (BETTELHEIM, 1980). As crianças, até oito ou dez anos de idade, não têm condições de compreender conceitos abstratos, só podendo desenvolver conceitos personalizados, através da experimentação. Todo seu conhecimento só será obtido se for vivido como pessoal e subjetivo. Qualquer resposta para a criança deve estar de acordo com sua capacidade intelectual e emocional. Como aponta Bettelheim (1980), é mais fácil para a criança entender que a terra repousa sobre uma enorme tartaruga do que compreender o complexo conceito de gravidade.

As crianças em idade pré-escolar e nos primeiros anos de escolaridade, conseguem expressar seu pensamento, através do jogo simbólico. Poderá, dessa forma, interiorizar, progressivamente, os elementos da realidade evocando, “[...] na ausência de objetos reais, as suas propriedades pertinentes para a ação [...]” (TRAÇA, 1998, p.115). Esses mecanismos vão introduzindo as crianças no pensamento conceitual. Através do jogo imaginário, da simulação simbólica do real, a criança irá superando etapas e atingindo um amadurecimento tanto emocional como cognitivo.

O conto de fadas pode contribuir para esse amadurecimento justamente porque sua estrutura é análoga ao pensamento infantil. Grande parte dos mecanismos simbólicos podem ser encontrados

nos contos, auxiliando a criança na aquisição de seu pensamento conceitual e na compreensão e assimilação da realidade.

A linguagem dos contos de fadas é mediadora entre a criança e o mundo, proporcionando um alargamento de seu domínio lingüístico e preenchendo a função do conhecimento.

Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p.14).

Introduzindo as crianças em um mundo rico de simbolizações, os contos de fadas podem auxiliar a criança no seu processo de alfabetização. Ao ouvir uma história, a criança aprende a imaginar o que evoca a palavra e, aos poucos, aprende a memorizar o conto (JEAN, 1990). Ouvir um conto de fadas é diferente de uma história dita realista. Nesta última, pode-se até extrair algum conhecimento, mas este não contribuirá para o processo de integração do ego e simbolização. Além disso, o conto de fadas põe as crianças em contato com diferentes culturas e o momento da história é de união coletiva. As crianças concentram-se, aprendem a respeitar-se e, acima de tudo, passam momentos de grande prazer.

Através dos contos de fadas é possível introduzir a criança em um mundo letrado, de forma agradável, incentivando seu prazer pela leitura. Mesmo que a transmissão dos contos seja feita oralmente, criará na criança o hábito e o prazer de ouvir histórias. Certamente, uma criança que escuta muitas histórias terá mais facilmente interesse em ler sua histórias preferidas mais tarde.

Como afirma Jean (apud TRAÇA, 1998, p.121): “É preferível ser um ser-de-desejo do que um ser-de-conhecimento, mas não há desejo sem conhecimento.”

LITERATURA INFANTIL E ESCOLA

Nada melhor pode defender-nos do que a própria natureza, a qual deixou crescer estas flores e rochas com tal variedade de cores e de

A pedagogia e as fadas

formas. Se para alguém não são de utilidade por suas determinadas necessidades, nem por isso pode exigir que devam ser coloridas e cortadas de outra maneira (GRIMM, J.; GRIMM, W. apud HERMANOS GRIMM, 1999, p.43, tradução nossa).

Se considerarmos a literatura infantil do ponto de vista da intenção do autor em atingir o público infantil, teremos, desde o seu início, uma estreita vinculação dessa intenção com a pedagogia. O caráter pedagógico das obras infantis muitas vezes nasce de uma visão ideal de infância, a partir de uma concepção adulta. Em muitos textos destinados à criança, fica claro o desejo de moldá-la a um padrão, desconsiderando suas necessidades intelectuais e afetivas.

Dentro de um caráter pedagógico, a literatura infantil prioriza uma função social, educativa e formativa, em detrimento à sua função artística e estética. Perpassa uma visão ideológica, de utilidade pedagógica, que usa como estratégia uma linguagem supostamente infantil. Buscando uma simplicidade, utiliza-se de uma linguagem pueril que menospreza a capacidade intelectual da criança.

Organizados em lições ou unidades centradas em temas previamente selecionados, há os livros didáticos direcionados ao público escolar (CARVALHO, 1991). Além desses textos estarem a serviço de uma ideologia veiculada pela escola, priorizando sua função social, educativa e formativa, desprezam qualquer possibilidade lúdica e estética. Conseqüentemente, há um empobrecimento no desenvolvimento profissional do professor, que se limita à utilização do livro didático, na maioria das vezes, vinculada à aquisição de um conhecimento e à realização de uma tarefa escolar (HOLLY, 1995).

No final da década de 1970 houve uma transformação na literatura infantil, com o aparecimento de textos mais lúdicos, satíricos e transgressores dos conceitos tradicionais. Não mais como matéria curricular, houve uma ampliação da literatura infantil como agente formador da personalidade integral. Foi a partir desse período, que se iniciou um questionamento sobre a forma como a literatura estava sendo inserida no espaço escolar. Concomitante, surgiram novas

técnicas que estimulassem a criatividade e a consciência dos alunos, condenando o professor a ser apenas um repetidor de programas.

Contudo, a introdução dos contos de fadas na escola, bem como outros textos lúdicos, ainda é uma questão a ser considerada. Toda a produção cultural destinada à criança ainda permanece sob o olhar do adulto, que determina o que lhe é adequado ou prejudicial. A partir de critérios de um mundo adulto, inseridos em uma sociedade que dita normas e padrões a serem seguidos, colocamo-nos diante de determinadas obras que as crianças apreciam com muitos preconceitos, desconsiderando as reais necessidades e preferências infantis (HELD, 1980).

Textos lúdicos, que fogem ao padrão convencionalizado pela instituição escolar, como os quadrinhos ou os contos de fadas, são considerados marginais e incompatíveis com a seriedade e com o universo *adultocêntrico*. Esses textos são representantes de uma cultura de massa, provenientes de classes populares, ao passo que a escola representa uma cultura acadêmica, que despreza a cultura popular.

A partir dessas colocações, gostaria de apresentar, sucintamente, o resultado da pesquisa que realizei, em que investiguei de que forma os contos de fadas vêm sendo utilizados na educação infantil. Tendo como referencial teórico a Psicanálise, foram realizadas cinco entrevistas abertas com professoras de educação infantil de escolas municipais de uma cidade do interior paulista. Selecionei alguns temas comuns que surgiram durante as entrevistas e que considero importantes para analisar como os contos de fadas têm sido inseridos na educação.

É importante colocar que essa pesquisa refere-se a uma situação específica mas pode trazer reflexões importantes sobre a educação e sobre a forma como a escola acolhe e trabalha o imaginário infantil. A partir da análise dos dados obtidos, fui percebendo que mais importante do que o uso ou não dos contos de fadas na educação é a forma como essa atividade é realizada. Percebe-se que o que está em jogo é uma concepção de infância que permeia o discurso pedagógico. A infância institucionalizada deve moldar-se a um padrão

A pedagogia e as fadas

cientificamente determinado e a emoção, a fantasia e a criatividade tanto dos alunos como dos professores devem ser normatizadas e *encaixadas* em um modelo idealizado do que se determinou como cultura e sociedade.

COMO OS CONTOS DE FADAS SÃO UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO

O desconhecimento dos contos de fadas

A partir da primeira entrevista que realizei, percebi que havia um desconhecimento sobre os contos de fadas. Quando perguntei, na primeira entrevista, sobre a forma como os contos de fadas eram trabalhados, a resposta referia-se a *histórias em geral*, sem estar falando especificamente deste gênero. Considerei importante perguntar nas outras entrevistas qual o conhecimento que essas professoras tinham sobre os contos de fadas. As respostas foram vagas, mostrando um desconhecimento tanto em seu aspecto formal como nos aspectos psicológicos que o conto engloba.

Uma formação que prioriza a técnica

Dentro de sua formação, as professoras entrevistadas, nunca tiveram um curso que tratasse do uso dos contos de fadas na educação ou sobre sua importância no desenvolvimento infantil. Estando vinculadas à Secretaria Municipal de Educação, essas professoras frequentemente realizam cursos de reciclagem. Os cursos que têm sido ministrados enfocam questões relativas à aprendizagem, ao desenvolvimento cognitivo, a projetos, e outros. Atividades mais expressivas, literatura infantil ou contos de fadas, estão longe de aparecerem entre esses temas, bem como os aspectos emocionais da criança. A formação profissional dos professores têm priorizado atividades e temas referentes à técnica pedagógica, em que prevalecem os aspectos cognitivos da criança.

A história faz parte de uma atividade pré-determinada

Como todas as atividades que essas professoras administram para as crianças, contar histórias faz parte de uma programação curricular. Relatam que não contam histórias por contar, pelo simples prazer que esta atividade pode provocar na criança. Existe um horário programado e o contar histórias é vinculado a uma atividade pedagógica.

Além de o professor escolher a história a ser contada, planejando sua atividade anteriormente, ela nunca é contada em um momento que não tenha sido previamente determinado, a pedido da criança. A realização do desejo de ouvir uma história está presente só no professor e nunca na criança.

As dificuldades no uso dos contos de fadas

Os contos de fadas são considerados complexos, seja pelo texto difícil, pela ilustração mais elaborada ou pela narrativa longa. As professoras acabam escolhendo textos mais simples e realistas, em que o aprendizado possa ser mais imediato. Para utilização pedagógica, parece que é mais difícil trabalhar com o fantástico.

Os livros escolhidos para leitura geralmente são buscados nas bibliotecas escolares. Pelo que temos visto, essas bibliotecas são pobres no que se refere à literatura infantil e lúdica e não existe nenhum trabalho que capacite o professor e os responsáveis pelo acervo. Pelo que pude perceber nas entrevistas, não há uma avaliação crítica, por parte dos professores, em escolher uma boa história, *elas contam qualquer coisa*, baseados no critério da facilidade de texto, da existência de ilustração e de menor conteúdo.

Como o conto de fadas é percebido

Para as professoras entrevistadas, existe uma diferença na reação das crianças quando é contado um conto de fadas. Elas identificam uma magia na história de fadas e que esta aguça a imaginação e a fantasia das crianças. Percebem uma identificação das crianças com

A pedagogia e as fadas

os personagens dos contos de fadas e que esses vão de encontro de algum de seus desejos, como ilustram alguns relatos das professoras:

Eles se entregam ao personagem, eles acham que são aquele personagem, eles são mesmo aquele personagem [...] nos contos de fadas é mais lúdico. Agora, nas outras histórias que eu tenho lá, é muito mais regra.

[...] eles viajam, no lúdico, na poesia, nos contos de fadas. Eles viajam muito, imaginam muito, criam muito [...]

É muito imaginário, muito mágico, tudo acontece, tudo pode.

Toda criança sonha em ser princesa, ser fadas, os meninos, príncipe.

A história de fadas sempre chama mais atenção, na fantasia [...]

Percebemos que há uma percepção de que os contos de fadas prendem mais a atenção e que há uma identificação das crianças com os heróis e a realização de desejos. Através dos contos, as professoras percebem que as crianças conseguem realizar sonhos impossíveis, como tornar-se uma princesa, casar-se com um príncipe e outras possibilidades. O que essas histórias têm de diferente? A magia e a fantasia. Através dos contos, as crianças aguçam a imaginação e a criatividade. Há um contraste com histórias realistas, em que há uma relação direta com a realidade, com algo concreto e palpável. Dessa forma, a aprendizagem imediata é reconhecida mais facilmente. Ao passo que os contos de fadas tratam de sonhos, fantasias, imaginação, irrealidade e criatividade. Como as professoras acolhem esse lado lúdico e imaginário?

Fantasia não rima com pedagogia

O conhecimento e amadurecimento que as crianças podem obter através dos contos de fadas não é palpável na prática pedagógica.

Deixar que a criança envolva-se com uma história fantástica e que sua fantasia flua livremente, significa, para o professor, o mesmo que tirá-la da realidade. Isso gera um conflito e o professor perde o seu papel de educador e transmissor de conhecimentos. Colocando-se no lugar da verdade, o professor responde para a criança que aquele conto de fadas é *mentira* e não existe de verdade.

Chamou a atenção o fato de que todas as professoras entrevistadas dizem para os alunos que os contos de fadas são histórias de mentira e que seus elementos fantásticos correspondem à criação de um autor.

Pelo que pude perceber nas entrevistas, as crianças, dentro da sala de aula, não têm a oportunidade de vivenciar sua fantasia. Priorizando uma visão realista, o conto de fadas, dentro desse modelo educacional, é visto como um obstáculo ao conhecimento.

Quando os contos de fadas despertam uma emoção intensa, como o medo, essa situação torna-se mais evidente. Imediatamente, as professoras procuram soluções que façam desaparecer as emoções que os contos despertam, na maioria das vezes, nem é permitido que elas apareçam.

O conto com uma finalidade pedagógica

Se os contos de fadas aguçam a imaginação, o sonho e a fantasia, a única forma possível de sua utilização nesse modelo educacional é como atividade pedagógica. Dessa forma, pode-se nivelar a emoção da criança e transformar sua fantasia em realidade concreta, racional. Todos têm que perceber os contos da mesma maneira, de acordo com a verdade única transmitida pelo professor. E a forma de transmitir os contos no mesmo nível é estudando números, cores, vestimentas, ou mesmo copiando o desenho de um príncipe que a professora coloca na lousa ou, pior, pintar algo previamente mimeografado. Além de perder qualquer possibilidade criativa, ocorre uma massificação do que poderia ser a imaginação infantil. A imaginação e a fantasia tornam-se objetos concretos, palpável em letras, nomes, formas e cores.

A pedagogia e as fadas

A gente lê história, conta história, trabalha com desenho na lousa, trabalha os personagens. Dentro da história, a gente explora tudo [...] eu trabalho com eles quantidade, todos os conceitos de matemática, língua portuguesa, tudo... desenho... formas, cores, ... [...]

Sempre o conto, a poesia, a gente trabalha, não por contar [...] você vai tirar dali, palavras que você vai trabalhar [...] Você tem uma finalidade, o português, a matemática [...]

Sempre tem uma finalidade, porque trabalhar por trabalhar, ler por ler, eu acho que não.

Sempre tem uma atividade pedagógica, cores, números, inverno, verão, corpo humano, sempre vai ter alguma coisa para eu pegar nessa história. Sempre tem um elemento pedagógico. Nunca é contar por contar, senão não tem valor contar a história.

Esses são alguns relatos das professoras entrevistadas que mostram como os contos de fadas são inseridos em uma atividade planejada e transformados em subsídios pedagógicos. Dessa forma, o professor assegura sua função, o que lhe confere uma identidade. Contar uma história pelo simples prazer, destitui o professor dessa função de transmitir e ensinar alguma coisa bem definida.

Como afirma Bettelheim (1980), antes de qualquer coisa, o conto de fadas é uma obra de arte. No entanto, ao ser transformado em atividade pedagógica, amenizando todos os elementos fantásticos, lúdicos e estéticos, os contos de fadas acabam em nada diferindo de outros textos realistas ou de cartilhas didáticas. Utilizar o conto de fadas com uma finalidade pedagógica é transformá-lo em um conto admonitório, em uma fábula, que atingirá a mente consciente da criança, ao passo que seu objetivo maior é atingir o inconsciente (BETTELHEIM, 1980).

[...] o valor educativo do fantástico é mal percebido, muitas vezes negado, porque é um valor indireto, porque age subterraneamente, a longo prazo, no quadro de educação global da personalidade integral.

Quem quiser dar à criança conhecimentos prontos e acabados, imediatamente mensuráveis, irá espontaneamente ao livro documentário e realista. Esse livro documentário e realista é mais facilmente, mais evidentemente, didático. Numa perspectiva de instrução a curto prazo, ele satisfaz porque 'edifica' e porque informa (HELD, 1980, p.234).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Os contos, e a literatura oral em geral, tem a vantagem de que quem os conserva não os julga, senão que os aprecia por sua história, por respeito ou curiosidade a uns costumes, que se remontam a tempos primitivos ou por ternura sobre a ingenuidade que os personagens e argumentos resumem (HERMANOS GRIMM, 1999, p.43, tradução nossa).

Desde suas origens os contos foram se transformando, assim como as sociedades. Não vivemos mais em comunidades agrárias, nem nos reunimos à volta do fogo para ouvirmos contos de fadas e aprendermos com eles. Porém, mesmo distantes das narrativas originais, percebemos que os contos de fadas continuam tendo uma função importante e podem auxiliar no desenvolvimento e aprendizado da criança. Poucos avós, pais e mães, têm tempo e disponibilidade atualmente para contarem histórias. Resta à escola e aos professores perpetuarem a tradição oral dos contos de fadas, mesmo que já utilizemos formas mais modernas de comunicação.

Mas o que aproxima esses contos antigos de nosso mundo atual? Como eles conseguiram sobreviver a tantas mudanças? Justamente por possuírem conteúdos inconscientes e universais, que são atemporais. É esse inconsciente que poderá unir aluno e professor. Através dos contos de fadas, professores e alunos poderão compartilhar da função mítica dessas histórias, integrados no que há de comum entre eles: seu inconsciente que sempre buscará a realização de um desejo infantil.

Diante dessas afirmações, percebemos que os contos de fadas não pertencem só às crianças. Nunca pertenceram. Se hoje dizemos

A pedagogia e as fadas

que os contos são infantis é porque tomamos como exemplo reedições simplificadas, deturpadas de seus originais. Se tomarmos em consideração uma boa tradução ou uma boa edição de um conto de fadas, encontraremos suas qualidades literárias e seus conteúdos preservados. Esses sim, podem ser compartilhados entre professores e alunos, em que ambos possam interagir nessa aprendizagem recíproca.

Mesmo que distante, guardamos na memória algum conto preferido ou uma história inventada. Essa história não é só importante pelo seu conteúdo mas faz-nos recordar uma infância, o carinho de uma mãe, de um pai ou de um parente. Pelo que pude perceber nas entrevistas e no contato que venho realizando com professores, são as histórias da infância que são as mais significativas. Essas são as preferidas na hora de contar para as crianças e o mais importante: são contadas com mais prazer e tornam-se as preferidas das crianças.

Para Bettelheim (1980), quando um adulto começa a contar histórias para a criança, aos poucos ela começa a escolher a sua história preferida. Se houver um entrosamento e uma cumplicidade, o prazer da criança em ouvir uma história fará o adulto partilhar essa experiência.

O propósito de contar a estória deveria ser [...] uma experiência compartilhada de fruir o conto, embora o que contribua para isto possa ser completamente diferente para a criança e para o adulto. Enquanto a criança frui a fantasia, o adulto pode derivar seu prazer da satisfação da criança: enquanto a criança pode sentir-se exultante porque entende melhor alguma coisa sobre si mesma, o prazer do adulto ao contar a estória pode derivar do fato da criança experimentar um súbito choque de reconhecimento (BETTELHEIM, 1980, p.188-189).

Porém, para isso, estamos falando de um novo outro modelo educacional em que aluno e professor são considerados em sua totalidade e seus desejos e impulsos inconscientes são partes determinantes desse processo.

Diante de novos paradigmas, que foram sendo criados a partir do século XX, percebemos que o modelo educacional antigo, que valorizava o racional e a erudição, em que o professor era um simples técnico, que só transmitia conhecimentos, não serve mais. Estamos diante de uma nova concepção de homem e de realidade.

Segundo Sousa Santos (1988, p.47-71), todo conhecimento deve se traduzir em autoconhecimento e o paradigma emergente da ciência deve ser também um paradigma social, em que o desenvolvimento tecnológico possa servir como sabedoria de vida.

O conhecimento é algo morto, ao passo que a escola deve servir aos vivos (EINSTEIN, 1994). Segundo Einstein (1994), a escola deve servir para desenvolver nos indivíduos as capacidades e qualidades que lhes serão valiosas para o bem-estar da comunidade. Não uma comunidade padronizada, como formigas e abelhas, mas pessoas capazes de ação e com pensamentos independentes.

[...] O essencial é desenvolver a inclinação infantil pelo brincar e o desejo infantil de reconhecimento, e guiar a criança por campos importantes para a sociedade [...] Uma escola como essa exige que o professor seja uma espécie de artista em seu campo [...] (EINSTEIN, 1994, p.39).

Qual seria o objetivo da educação? Não seria a própria vida? E quais os métodos que seriam específicos para a educação das crianças? Não seriam aqueles que têm a ver com a sua própria especificidade, como a fantasia e o lúdico, em todas as suas dimensões (REDIN, 1994)?

PEDAGOGY AND THE FAIRIES

ABSTRACT

Fairy tales always had an important pedagogic and therapeutic function. With the objective of educating and distracting, their stories continue alive and transmitting universal psychic phenomena.

This article discusses the form by which fairy tales are used in an educational institution. Preoccupied in forming childhood scientifically, the school often disconsiders the child fantasy reducing the fairy tales to pedagogic support, levelling the child's universe.

KEYWORDS: Fairy Tales, Pedagogic activity, fantasy.

BIBLIOGRAFIA

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ANDRADE, C. D. de. **Contos plausíveis.** 4.ed. São Paulo: Record, 1998.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 3.ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CADEMARTORI, L. M. Em defesa dos quadrinhos. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **A produção cultural para a criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p.81-92.

CARVALHO, N. O livro didático e o professor. **Jornal da Alfabetizadora,** Porto Alegre, n.14, p.6-8, 1991.

COELHO, N. N. **O conto de fadas.** São Paulo: Ática, 1987.

EINSTEIN, A. Sobre a educação. In: _____. **Escritos da maturidade.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p.35-42.

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: _____. **Obras Completas**. 4.ed. Tradução de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v.1, p.343-720.

_____. Teorias sexuales infantiles. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p.1262-1271.

_____. El poeta y los sueños diurnos. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p.1343-1348.

_____. Multiple interes del psicoanálisis. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p.1851-1867.

_____. Sueños com temas de cuentos infantiles. In: _____. **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p.1729-1733.

HELD, J. **O imaginário no poder**. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HERMANOS Grimm. **Babar**, Madrid, n.24, p.41-52, 1999.

HOLLY, M. L. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, A. **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p.79-110.

JEAN, G. **Los senderos de la imaginación infantil, los cuentos, los poemas; la realidad**. Tradução de Juan J. Utrilla. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: HERMANN, F. A.; ALVES LIMA, A. (Org.). **Psicologia**. São Paulo: Ática, 1982. p.68-91.

_____. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: HERMANN, F. A.; ALVES LIMA, A. (Org.). **Psicologia**. São Paulo: Ática, 1982. p.92-106.

_____. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: _____. **Obras Completas de Melanie Klein**. Tradução de Belinda H. Mandelbaum et. al. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v.3, p.85-118.

KOUBI, J. Parole de Toradja, mal dire, invoquer ou conter. **Cahiers de Littérature Orale**, n.11, p.11-35, 1982.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PUÉRTOLAS, S. La vida contada. El valor de los cuentos III. **Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil**, Barcelona, n.117, p.24-31, jun. 1999.

A pedagogia e as fadas

RADINO, G. **Branca de Neve educadora**: o imaginário em jogo. 2001. 343f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

REDIN, E. Atendimento à criança pequena no Brasil. In: **A PRÉ-ESCOLA e a criança hoje**. 2.ed. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994. p.27-32.

RODARI, G. **Gramática da fantasia**. 9.ed. Tradução de Antonio Negrino. São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, E. T. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p.134-138.

SOUSA SANTOS, B. de. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.2, p.46-71, maio/ago. 1998.

TRAÇA, M. E. **O fio da memória, do conto popular ao conto para crianças**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1998.

WARNER, M. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma M. Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZILBERMANN, R. **A literatura infantil na escola**. 7.ed. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.